

A PRIMEIRA CONFERÊNCIA DO CASINO, DE ANTERO DE QUENTAL

LÚCIO CRAVEIRO DA SILVA



São por demais conhecidos o valor e significado das Conferências do Casino, os conferentes e o tema das suas intervenções ¹. Aliás o objectivo dessas conferências vinha expresso na folha volante distribuída dias antes e assinada pelos autores responsáveis. Antero assinou em segundo lugar depois de Adolfo Coelho. Oliveira Martins também aderira e assinou em nono lugar, mas nessa altura vivia longe, nas minas de Santa Eufémia, em

Córdova, Espanha. Foi o facto de estar ausente que deu origem à presente carta inédita que foi encontrada com outras dirigidas a Oliveira Martins ao todo 29², pois a amizade íntima e a admiração que Oliveira Martins nutria por Antero começara um ano antes, em 1870, como escrevera a Teófilo Braga: “Há pouco tempo que tive ocasião de conhecer o Antero e sou amigo dele. É um homem.”³. E esta amizade foi perdurável e tão fecunda que não poderá escrever-se a biografia cultural de Oliveira Martins ou de Antero sem se referirem os seus nomes juntamente, em passos importantes das suas vidas. Foi o caso presente da Primeira Conferência do Casino e por isso Antero comunica-lhe logo no dia seguinte, 23-5-71⁴ a notícia do êxito da Conferência, com alvoroço, pois ainda nem lera os jornais; “Como sentimos não o ter ao pé de nós! Entre muitos a sua falta é das que se sentem; imagine, entre poucos, como será lembrado e desejado. Digo isto em geral, porque pensamos em si a propósito de todas as coisas interiores e orgânicas do nosso falanstério; e digo-o mais particularmente a respeito das Conferências porque com a sua ausência nos fica desguarnecido um grande lado da nossa frente de batalha”.

Esta frente de batalha, para usar a expressão de Antero, é já conhecida e fora expressa e divulgada no anúncio da folha volante que transcrevemos na parte essencial: “Abrir uma tribuna, aonde tenham voz as ideias e trabalhos que caracterizam este momento do século, preocupando-nos sobretudo com a transformação social, moral e política dos povos; Ligar Portugal com o movimento moderno, fazendo-o assim nutrir-se dos elementos vitais de que vive a humanidade civilizada; Procurar adquirir a consciência dos factos que nos rodeiam na Europa; Agitar na opinião pública as grandes questões da filosofia e da ciência moderna; Estudar as condições da transformação política, económica e religiosa da sociedade portuguesa; Tal é o fim das Conferências Democráticas”⁵.

António Salgado Júnior, procurando descobrir o assunto da primeira Conferência de Antero, que não fora redigida, apenas apurou o seguinte: “Que desse notícia do que foi essa conferência houve um ou outro jornal. Se, porém, pusermos de parte a *Nação* — jornal conservador católico — cuja notícia é mero pretexto para verrina, e o *Jornal de Comércio* que apenas lhe dedicou algumas linhas, — ficamos reduzidos ao relato da *Revolução* que, sendo certamente parcial, provinha talvez deles mesmos, dos organizadores é aquele que servirá para fazer ideia da conferência”⁶. De facto o relato desse jornal repete apenas as finalidades gerais divulgadas das Conferências; não é preciso nem completo. Em resumo, refere-se à “renovação que estava agitando todas as sociedades”, que o “presente era uma época de transição para o futuro”, que “os grandes espíritos do século se estavam dedicando à preparação dos homens para que eles num dia pudessem livremente criar um estado de coisas harmonioso com o progresso fatal e necessário das sociedades mais adiantadas da Europa,” que “Portugal parecia estar sequestrado a esse movimento geral” e espontâneo, “e por isso, fazer participar o nosso país dessa vida foi ideia que se apresentou como um dever à consciência

desses homens corajosos” e “fora este com efeito, rematava Antero, o pensamento que presidira à criação das Conferências: — É o resultado a que elas pretendem e hão-de chegar”. E acrescentava: “Esses homens tinham visto que certas palavras e mais talvez que certas ideias se apresentaram aos espíritos como repulsivas talvez que fosse falta de ciência da parte de uns, talvez que fôsse má vontade da parte de outros. Aí esclareceriam essas questões”.

Resumi o essencial do relato da *Revolução* porque não vale a pena transcrevê-lo todo. Antero deve ter dito tudo isto porque tal era o objectivo geral das Conferências. Mas ou por prudência ou por incapacidade do jornalista não nos diz quais foram as certas palavras que correspondem a certas ideias e que afinal, como veremos, concretizam o tema específico desta Conferência.

E aí está a novidade, até agora desconhecida, que ele logo comunica na Carta inédita ao seu amigo Oliveira Martins: “Foi ontem à noite a Conferência da inauguração, sendo eu o encarregado de levantar o comum pendão, e de fazer soletrar ao público as palavras fatídicas nele inscritas. Assim o fiz sem lhes ocultar com que letras se inscreve Revolução, Livre pensamento, Democracia e (ó horror!) Socialismo”. Agora temos explícito, da própria pena de Antero, o esclarecimento das linhas condutoras da sua Conferência inicial e que se inseria plenamente no seu horizonte cultural e na sua actividade de militante socialista a favor do mundo operário.

Quanto ao êxito das Conferências, Antero, estranhamente, parece que não previa grandes resultados pois observa que esta “tentativa sendo muito boa em si, nos resultados finais pouco pode valer a não ser para sossego das nossas consciências”. No entanto, “contra toda a expectativa, confessa, o público — perto de 300 pessoas — não só se não ofendeu mas até mostrou certa simpatia, verdade é que mais dirigida ao pensamento das Conferências em si e às pessoas dos Conferentes do que às ideias expostas. Fui à saída abraçado por juizes de direito... e até por gerais! Isto é um país único! Quando o conhecemos nós finalmente? Porque imagine que esperávamos protestos e assuadas e tal houve que foi para lá munido de cassetete...”⁷.

Parece que Antero se arrependeu mais tarde da maneira explosiva como foram apresentadas as conferências porque, dois meses depois, em Julho, comunicava a Teófilo Braga, ainda amigo: “As Conferências hão-de continuar; concordo que a forma nos fez mal e que foi imprudente dar-lhes exteriormente um carácter revolucionário”⁸. E mais uma vez se enganou pois foi esse carácter que provocou a célebre proibição governamental do Duque d’Avila e Bolama e essa proibição infeliz despertou um coro de protestos a seu favor que mais celebrizou e deu maior notoriedade às Conferências.

Não há dúvida que, depois destas Conferências e da geração que as promoveu e apoiou, a cultura portuguesa foi diferente. Ou não contasse ela com génios como Antero, Oliveira Martins e Eça de Queirós.

Eis a carta inédita:

16-5-[18]71

[Lisboa] Rua dos Prazeres, nº 63, 1º [23 de Maio de 1871] ⁹

Meu caro O. Martins

Quanto nos alegrou a sua excellente carta! e como sentimos não o termos cá ao pé de nós! Entre muitos a sua falta é das q. se sentem: imagine, entre poucos, como será lembrado e desejado.. Digo isto em geral, por q. pensamos em si a proposito de todas as coisas interiores e organicas do nosso phalansterio espiritual: e digo-o mais particularmente a respeito das Conferências, por que com a sua ausencia nos fica desguarnecido um grande lado da nossa frente de batalha. Ainda assim, a sua adhesão a distancia é valiosa para o publico, e preciosa para os nossos corações de amigos, visto q. está com nosco em espirito. Nem nós pediamos mais: sabemos o pouco q. ha a esperar d'estas coisas, n'esta nossa terra, e nem por sombras nos lembravamos de propor a alguem q. preterisse deveres naturaes, e em tudo sagrados, por uma tentativa, q. sendo m.¹⁰ boa em si, nos resultados finaes pouco pode valer, a não ser p.^a o socego das nossas consciencias. Convidamo-lo exactamente p.^a. aquillo q. V. aceitou: a dar o seu nome, e uma esperança: nada mais. Alguma vez ha-de vir a Lisboa: pois nas vespas da viagem, pense n'um assumpto e deixe-se ouvir, em cá chegando.

Junto vai o programma q. publicámos: um nome lhe causará surpresa provavelmente, o do Soromenho. Com a maior simplicidade fez aquillo que outros entendem q. precisa m.¹² bulha p.^a. não fazerem: verbi-gratia, o Jayme Moniz, q. actualmente lastima com phrases m.¹⁰ sinceras (e m.¹⁰ longas) a nossa imprudencia, mostrando um caridoso pezar por ver q. estamos cavando a ruina do nosso futuro, q. cortamos as nossas carreiras etc. Que lhe parece?

Foi hontem á noite a conferencia de inauguração, sendo eu o encarregado de levantar o commum pendão, e de fazer soletrar ao publico as palavras fatidicas n'elle inscritas. Assim o fiz, sem lhes occultar com q. letras se escreve Revolução, Livre pensamento, Democracia e (oh horror!) Socialismo. Contra toda a espectativa, o publico — perto de 300 pessoas — não só se não offendeu, mas até mostrou uma certa simpathia, verdade é q. mais dirigida ao pensamento das Conf. em si e ás pessoas dos conferentes, do q. ás ideas expostas. Fui á saida abraçado por juizes de direito... e até generaes! Isto é um paiz unico! Quando o conhecemos nós finalmente? Por q. imagine q. esperavamos protestos, e assuadas, e tal houve q. foi p.^a la munido de cassetete...

Ainda não vi os jornaes, não sei o q. dizem: você recebe ahi uns dois, e por elles verá.

A respeito do seu Camões, digo-lhe somente que a impaciencia q. sinto pelo ver terminado e pelo ler, só é igualada pela confiança q. tenho no seu espirito critico e no seu gosto poetico. Adeus; recomende-me á lembrança de sua mulher e creia-me

seu do C.

Antônio

CONFERENCIAS DEMOCRATICAS

ESTABELECIDAS NA SALA DO CASINO, LARGO DA ABEGOARIA.

Ninguém desconhece que se está dando em volta de nós uma transformação politica, e todos presentem que se agita, mais forte que nunca, a questão de saber como deve regenerar-se a organização social.

Sob cada um dos partidos que lutam na Europa, como em cada um dos grupos que constituem a sociedade de hoje, ha uma idéa e um interesse, que são a causa e o porquê dos movimentos

Pareceu que cumpria, em quanto os povos lutam nas revoluções, e antes que nós mesmos tomemos n'ellas o nosso lugar, estudar serenamente a significação d'essas idéas e a legitimidade d'esses interesses; investigar como a sociedade é, e como ella deve ser; como as Nações têm sido, e como as póde hoje fazer a liberdade; e, por serem ellas as formadoras do homem, estudar todas as idéas e todas as correntes do seculo.

Não póde viver e desenvolver-se um povo, isolado das grandes preocupações intellectuaes do seu tempo; o que todos os dias a humanidade vae trabalhando, deve tambem ser o assumpto das nossas constantes meditações.

Abriu uma tribuna, aonde tenham voz as idéas e os trabalhos que caracterisam este momento do seculo, preocupando-nos sobre tudo com a transformação social, moral e politica dos povos;

Ligar Portugal com o movimento moderno, fazendo-o assim nutrir-se dos elementos vitais de que vive a humanidade civilizada;

Procurar adquirir a consciencia dos factos que nos rodeiam, na Europa;

Agitar na opinião publica as grandes questões da philosophia e da sciencia moderna;

Estudar as condições da transformação politica, economica, e religiosa da sociedade portugueza;

Tal é o fim das Conferencias Democraticas.

Tem ainda ellas uma immensa vantagem, que nos cumpre especialmente notar: preoccupar a opinião com o estudo das idéas, que devem presidir a uma revolução, de modo que para ella a consciencia publica se prepare e illumine, é dar não só uma segura base á constituição futura, mas tambem, em todas as occasiões, uma solida garantia á ordem.

Pósto isto, pedimos o concurso de todos os partidos, de todas as escolas, de todas aquellas pessoas, que, ainda quando não partilhem as nossas opiniões, não recusam a sua attenção aos que pretendem ter uma acção — embora minima — nos destinos do seu paiz, expondo publica mas serenamente as suas convicções, e o resultado dos seus estudos e trabalhos.

Lisboa, 16 de Maio de 1871.

Adolpho Coelho
Antero de Quental.
Augusto Soromenho.
Augusto Fuschini.
Eça de Queiroz.
Germano Vieira Meirelles.
Guilherme de Azevedo.
Jayme Batalha Reis.
J. P. Oliveira Martins
Manuel de Arriaga.
Salomão Saraga.
Theophilo Braga.

Será segunda feira, 22 do corrente, ás 9 horas da noite, a primeira Conferencia; seguindo-se as outras todas as segundas feiras, á mesma hora.

Entrada 100 réis.

NOTAS

¹ António Salgado Junior, *História das Conferências do Casino*, Lisboa, 1930

² Vão ser publicadas 29 cartas inéditas de Antero de Quental recentemente encontradas, como a que agora publicamos, no Arquivo da Província Portuguesa da Companhia de Jesus. Como isso pôde acontecer explicá-lo-emos pormenorizadamente na próxima impressão dessas cartas, mas o assunto já foi tocado pelo P. Manuel Simões em *Novas Cartas inéditas de Antero*, R.P.F., XLV, pp. 3-19, 1989 e *Antero Inédito: O Programa da União Democrática*, Brotéria, 128, pp. 483-493, 1989.

³ Cit. em José Bruno Carreiro, *Antero de Quental, Subsídios para a sua Biografia*, I, 2.ª ed., Braga, 1981, p. 345.

⁴ Note-se o lapso de Eça de Queirós: "O Snr. Antero de Quental abriu dia 19 as Conferências Democráticas do Casino," *Uma Campanha Alegre*, I, Lello e Irmão Editores, Porto, 1979, p.43.

⁵ *Conferências Democráticas*, estabelecidas na sala do Casino, Largo da Abegoaria. É uma folha volante distribuída como anúncio das Conferências. Vem igualmente transcrita em *Obras Completas de Antero de Quental Cartas I*, organização, introdução e notas de Maria Almeida Martins, pp. 122-123, e que publicamos em anexo na sua apresentação original.

⁶ Cit. em António Salgado Junior, *Op. Cit.*, pp. 26-28.

⁷ Jaime Batalha Reis que, ao tempo, vivia com Antero na mesma casa, escreve à noiva Celeste Cinatti; em carta datada de Maio de 1871: "Minha Celeste abriram-se as Conferências. Estava imensa gente para cima de 300 pessoas e muita gente teve de se retirar por não encontrar lugar. Estava a primeira gente de Lisboa. Estiveram tres Senhoras, a Kreiling Benevides, e duas Burnays. O Antero andou friamente mas muito bem. Toda a gente dá a estas Conferências muita consideração". *Correspondência entre Antero de Quental e Jaime Batalha Reis*, Introdução e organização de Maria Staack, p. 151-152.

⁸ *Cartas I*, *Op. Cit.*, p. 139.

⁹ Antero nesta carta, aliás interessantíssima pois nos dá o tema explícito da sua 1.ª Conferência até agora desconhecido, escreve a respeito da inauguração das Conferências do Casino: "Foi ontem à noite a conferência de inauguração, sendo eu o encarregado de levantar o comum pendão..." Como a inauguração das Conferências foi a 22-5-1871 conclue-se que esta carta deve ser de 23-5-71.

No manuscrito vem indicado "16-5-71" mas essa é a data do anúncio das ditas Conferências constante da folha volante que lhe está anexa.

Quanto ao "Camões" de Oliv. Martins trata-se de "*Os Lusíadas, ensaio sobre Camões e sua obra, em relação à sociedade portuguesa e o movimento da Renascença*" que aparecerá em 1872. Mais tarde foi refundido com o título: *Camões, Os Lusíadas e a Renascença em Portugal*, Porto, 1891. Diz Oliv. Martins no prefácio desta obra que ela é directamente filha da que publicou em 1872.